

## Psicopatologia e psicanálise: o corpo e suas parcerias (a)sexuadas<sup>1</sup>

Márcia Rosa

Jacques Alain Miller, em um texto intitulado "A teoria do parceiro"<sup>2</sup>, observa que a problemática do parceiro permanece como eixo de toda a pesquisa de Lacan. Ela implica que o sujeito como tal é incompleto.

O termo 'parceiro' provém do inglês 'partner', o qual, por sua vez, veio do francês antigo 'parçonier', termo que designa o 'associado'. Pela etimologia latina, chegamos a *pars*, a *partis*, referindo-nos a algo 'acordado com', 'partilhado', ao 'tomar partido em'. Em seu uso comum, o termo 'parceiro' designa o sócio, o colega de profissão, o parceiro de dança, de conversa, de cama, etc. Em suma: um parceiro é simplesmente aquele com quem jogamos a partida.

Se pode interessar à psicanálise - e a psiquiatria, suponho! - se debruçar sobre uma teoria do parceiro, isso se deve à constatação de que o sujeito tem, de maneira essencial, necessária e não contingente, um parceiro. Posto isso, se levarmos em conta os atendimentos em saúde mental, interessa-nos perguntar: 'com quem esse sujeito joga a sua partida?'.  
'

Torna-se cada vez mais difícil desconhecer a crescente biologização do mental nos serviços de saúde mental, fato que não é sem consequências. Observa-se um aumento de não adesões aos tratamentos, de reincidências nas internações, uma recusa dos tratamentos medicamentosos, um recurso cada vez mais predominante às intervenções jurídicas nas internações e, do lado dos profissionais com tendências mais biológicas, um uso indiscriminado das eletroconvulsoterapias (ECT) e, até mesmo, indicações de psicocirurgias.

Posto isso, gostaria de discutir a questão das parcerias a partir do contexto de um hospital psiquiátrico da rede pública, participante da política da reforma psiquiátrica, isto é, praticante de internações de curta duração.

### **Parte um: quando o Outro é o corpo**

Observamos que a parceria está sempre lá, mesmo aonde não é tão evidente ou explícita; aliás, talvez ela nunca o seja! Tal é o caso das toxicomanias. Nelas, o sujeito prescinde do parceiro sexual e se dedica ao parceiro (a)sexuado do mais-de-gozar, o objeto droga. Ele sacrifica algo dele próprio, inclusive a sua imagem corporal, entre outros, em nome de uma outra parceria, real, com seu próprio corpo, experimentando o que se denomina gozo do corpo.

Assim, a toxicomania é um modo de satisfação pulsional no qual, aparentemente, se prescinde do outro (parceiro enquanto semelhante), se dispensa também o Outro (simbólico, encarnado nos ideais civilizatórios), e o sujeito goza só! Dito isso, pode-se propor que nesses casos "o próprio corpo é o Outro"<sup>3</sup>.

Sabemos que os ideais estão em sua função civilizatória quando o circuito pulsional passa pelo Outro Social; agora, na medida em que o Outro Social, encarnado nos ideais, torna-se precário, a satisfação pulsional se particulariza, se desregula. Não tratada pelo Outro, ela se exerce de modo autista e o corpo torna-se o parceiro, o Outro (social) do sujeito. Temos aí um modo de gozo bastante emblemático do autismo contemporâneo e que nos diz, paradoxalmente, de muitas das parcerias contemporâneas.

Evoco o caso desse jovem, 28 anos, internado voluntariamente pelo uso do *crack*. Casado desde os 16 anos, pai de 2 filhos, trabalhava como pedreiro e como vigilante.

Quando criança suportou a fúria e a violência paternas até os 9 anos, quando o alcoolismo de seu pai foi tratado com sucesso e ele nunca mais bebeu.

Indagado sobre o que ele, quando criança, fazia para merecer a ira paterna, ele responde: "não era preciso ter feito nada, ele bebia e ficava violento". O alcoolismo do pai lhe fica como herança e ele começa a beber aos 12 anos. Segue-se o lóló, a maconha, a cocaína e, finalmente, o crack, perfazendo mais ou menos 16 anos de drogadicção. Se, na infância, ele não sabia porque apanhava do pai, desse pai que encarnava um Outro gozador e cruel, agora, adulto, ele sabe porque foi punido com 5 anos de prisão: pelos assaltos a mão armada em caixas eletrônicos, bancos, residências, etc. A lógica do "matar ou morrer" orienta as suas ações criminosas e esse jogo com a morte, presente nos assaltos, é mantido mesmo depois delas, na medida em que, com o fruto dos roubos, ele se isola em um quarto de hotel e, sozinho, se droga até se extenuar, até o dinheiro acabar. Nesses momentos, ele se deprime e volta pra casa.

Se me lembro desse caso, típico dos vários que têm se internado nesse serviço público, creio ser porque ele expõe claramente a precariedade do Outro Social (família, esposa, filhos, etc.) como organizador do campo do gozo desse jovem pela via dos ideais (ser um bom filho, um bom pai, um bom esposo, bom cidadão, etc.). Esse gozo se particulariza: é na solidão de um quarto de hotel que ele reencontra isso que lhe foi transmitido como herança: um gozo toxicômano. É com o pecado do pai, com o ponto no qual o pai gozava que ele joga a sua partida, é aí que ele faz a sua parceria, antes mesmo da substância com a qual ele se droga. Portanto, se não tocamos nisso, isto é, sem tratar esse real do gozo, dificilmente conseguiremos deslocar o perigoso jogo com a morte que se instalou aí.

Falo em toxicomanias, mas poderia também me servir de argumentos semelhantes para tratar de outras parcerias do

sujeito com o corpo, com o gozo localizado no corpo, tal como nas anorexias, bulimias, e em outros sintomas ditos contemporâneos.

### **Parte dois: parcerias sexuadas ou gozo fora do corpo**

Se nas toxicomanias temos um modo de gozo sem o Outro (social), ou melhor, se o Outro aí é o corpo e o sujeito estabelece uma parceria a-sexuada, cabe perguntar como abordar, com a psicanálise, a parceria e o corpo ali aonde ela é uma parceria sexuada.

Dois pontos: essa parceria sexuada implicará o Outro Social (seja ele a língua, a linguagem, o pacto familiar, conjugal, etc.) e, por este fato mesmo, possibilitará uma ultrapassagem da dimensão autista que mantém o gozo no corpo. Paradoxalmente podemos dizer: em uma parceria sexuada, o gozo, a satisfação pulsional, está fora do corpo ou coloca o corpo em jogo de modo imaginário e simbólico, e não apenas enquanto real.

Esse comentário nos possibilita lembrar que Freud já tratava das parcerias e de suas relações com o corpo quando escreveu as suas contribuições à vida amorosa mostrando que a escolha do objeto obedece a certas condições *sine qua non*. A propósito, ele relata o caso extraordinário de um jovem que só se apaixonava por "um brilho no nariz"<sup>4</sup>, isto é, se a mulher tivesse um brilho no nariz. Esta condição fetichista do enamoramento, do estabelecimento da parceria sexuada, explicou-se pelo fato de que ele tivera a sua primeira infância na Inglaterra, cuja língua esquecera. Em sua língua materna, isto é, infantil, "a glance on the nose", "uma olhadela furtiva para o nariz", se deslocara para o alemão, sua língua de vida adulta, "Glanz auf der Nose", isto é "um brilho no nariz!". *Glance* → *Glanz*! Pelo temor de encontrar algo que não gostaria de ver e que, certamente já vira, ele transformara o visto (*glance*) em um brilho (*Glanz*).

Obviamente, esse sujeito estava casado com o falo (encarnado aí na luminosidade do nariz da mulher amada!), ou seja, ele jogava a sua partida com o falo como parceiro! O corpo, corpo feminino, estava em jogo, mas ele era tratado pelo semblante, por esse véu, esse brilho que escondia o real da castração feminina. Tanto a luminosidade na imagem corporal quanto os equívocos da língua, *Glance* → *Glanz*, mostram o semblante desnaturalizando o corpo organismo, o corpo real.

Gozar com o corpo através da droga, e solitariamente em um quarto de hotel, ou só poder se exercer em sua posição viril se a mulher se apresentar sob um véu, nos coloca diante do caráter não protocolar da relação do sujeito com seu corpo, com o corpo do outro, e do Outro. Em vista disso, podemos concluir que *não há saber no real*, no real do corpo que se intoxica ou no real do corpo em seu gozo sexuado. Não há saber no real sobre a sexualidade, isto é, não há algo já dado, escrito desde antes, que diga a um homem como se virar com uma mulher ou a uma mulher como se virar com um homem! Essa foi a expectativa da psicanálise pós-freudiana com a sua proposta de uma fórmula genital, isto é, de uma genitalização da libido. Sabemos que esta expectativa levou Freud a encontrar o "protesto viril" do lado dos homens, e a "inveja do pênis", ou "demanda de falo", do lado das mulheres. Quanto a isso, Lacan é extremamente irônico: Gertrudes, a mãe de Hamlet, essa que não conhece o luto senão de modo leve e breve - saiu um parceiro, entra outro! - seria o paradigma da genitalização da libido! Sabe-se a qual enlouquecimento o encontro com o desejo revelado dessa mãe, ou melhor, com o gozo dessa mãe, conduziu o seu filho, Hamlet!

Se não há saber no real - como querem as tendências ditas científicas, que buscam freneticamente reduzir o real corporal ou mesmo sexual ao saber biológico (genético, hormonal, neuronal, etc.) -, então a nossa clínica

cotidiana vai nos colocar diante de sintomas, diante da parceria dos sujeitos com disfuncionamentos nas suas relações com seus corpos e com os de seus parceiros. Temos, assim, os obsessivos jogando as suas partidas com seus pensamentos, em detrimento dos seus corpos; as histéricas tirando o corpo fora e denunciando, com nojo, o gozo no campo, ou no corpo, do Outro; os paranoicos, cujos parceiros não deixam de ser as maledicências do Outro, etc.

### **Conclusão**

Assim, encontrar no Outro, no corpo do Outro, “os traços do seu exílio”<sup>5</sup> – para utilizar uma expressão de Lacan –, os traços daquilo que ele traz de estrangeiro ao gozo do corpo, nos parece mais interessante do que nos deixarmos consumir pelas várias formas de toxicomanias que nos maltratam e consomem contemporaneamente, incluídas aí as tendências biologizantes que retiram a palavra do sujeito e lhe acenam com um bem-estar na civilização!

Assim, é com uma psicopatologia que se mostra interessada e comprometida em decodificar, em termos de gozo e de implicação subjetiva, as patologias contemporâneas, que a psicanálise pode estabelecer parceria. Parceria, a nosso ver, crucial nos nossos dias, pois ela pode reabrir a aposta na singularidade do sujeito.

Quando a psiquiatria se torna frenética<sup>6</sup>, isto é, unicamente biologizante, ela toma apenas a ciência, e não o sujeito, como parceira, e disso nós colhemos efeitos de exclusão, de segregação! Efeitos, por que não dizê-lo, tóxicos, tal como o são o desses gozos depositados no corpo que desconhecem a importância da linguagem e do sujeito!

---

<sup>1</sup> Texto de abertura das atividades de Extensão; parceria entre o “Laboratório Transdisciplinar: família, parentalidade e parcerias sintomáticas” (Labtransufmg) e o Centro de Estudos Galba Velloso (CEGV). Ocorrida no Instituto Raul Soares, Belo Horizonte, em 27/08/2014.

---

<sup>2</sup> MILLER, J.-A. (2000). "A teoria do parceiro". In: *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 162.

<sup>3</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 172.

<sup>4</sup> FREUD, S. (1972/1927). "Fetichismo". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 175-187.

<sup>5</sup> LACAN, J. (1982/1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 198.

<sup>6</sup> Refiro-me aqui à expressão "o frenesi biologizante do mental!", cunhada por Guilherme Beltrame, psiquiatra do Centro de Estudos Galba Velloso, em uma discussão sobre o trabalho de Extensão "Psicopatologia e psicanálise: o corpo e suas parcerias contemporâneas". Para informações sobre a Extensão, conferir o site [cegv.com.br](http://cegv.com.br) ou o blog <http://labtransufmg.wordpress.com>.